

## AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA CRÍTICA SOCIAL PARA A ARTE, CULTURA E EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

Carlos Eduardo da Silva  
Tânia Mara Rezende Machado

**Resumo:** O objetivo central deste estudo é examinar as contribuições da teoria crítica social, com base nos ensaios e aportes teóricos desenvolvidos pelos teóricos de Frankfurt, que tiveram expressivo impacto na análise da cultura, da arte e nos processos educativos. Neste sentido, suas análises trazem uma denúncia contundente, sensível e negativa sobre as contradições de uma sociedade mergulhada na razão instrumental. A construção teórica deste estudo apoiou-se sobre o eixo teórico elaborado pelos teóricos frankfurtianos: a Teoria Crítica Social. Especificamente, nos pressupostos estéticos e filosóficos que emanam da crítica de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, como a denúncia do discurso degradante da razão instrumental pela Indústria Cultural e sua ampliação pela Semicultura. Adorno e Horkheimer (1985) realizam uma crítica sobre a aniquilação da Cultura e da Arte em meio ao capitalismo tardio, produzindo a alienação de materiais estéticos, artísticos e culturais, a padronização em escala global, e com isso a deformação das humanidades. Adorno (2005) destaca a expansão dessa deformação pela Semicultura e Semiformação, que acaba por formatar e petrificar a experiência formativa dos sujeitos. Nessa direção, através de uma pesquisa bibliográfica, analisamos ensaios e aportes teóricos apontaram para a alienação das subjetividades, da Cultura e da Arte, e que viam no pensamento crítico a única possibilidade da emancipação.

**Palavras-chave:** Arte; Cultura; Educação; Racionalidade técnica; Resistência.

**Abstract:** The main objective of this study is to examine the contributions of critical social theory, based on the essays and theoretical contributions developed by the Frankfurt theorists, which had a significant impact on the analysis of culture, art and educational processes. In this sense, his analyzes bring a blunt, sensitive and negative denunciation of the contradictions of a society steeped in instrumental reason. The theoretical construction of this study was based on the theoretical axis developed by the Frankfurt theorists: the Critical Social Theory. Specifically, in the aesthetic and philosophical assumptions that emanate from the criticism of Theodor W. Adorno and Max Horkheimer, such as the denunciation of the

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada “Currículo de formação de professores de artes: entre formar, conformar ou deformar humanidades”, vinculada institucionalmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFAC) e à linha de pesquisa “formação de professores e trabalho docente”.

degrading discourse of instrumental reason by the Cultural Industry and its expansion by Semiculture. Adorno and Horkheimer (1985) criticize the annihilation of Culture and Art in the midst of late capitalism, producing the alienation of aesthetic, artistic and cultural materials, standardization on a global scale, and with it the deformation of the humanities. Adorno (2005) highlights the expansion of this deformation by Semiculture and Semiformation, which ends up formatting and petrifying the formative experience of the subjects. In this direction, through a bibliographical research, we analyzed essays and theoretical contributions that pointed to the alienation of subjectivities, Culture and Art, and that saw in critical thinking the only possibility of emancipation.

**Keywords:** Art; Culture; Education; Technical rationality; Resistance.

## INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva examinar as contribuições da Teoria Crítica Social, com base em ensaios e aportes teóricos desenvolvidos pelos teóricos de Frankfurt, que tiveram expressivo impacto na análise da Cultura, da Arte e nos Processos Educativos. Neste sentido, suas análises podem trazer uma denúncia contundente, sensível e negativa sobre as contradições de uma sociedade mergulhada na razão instrumental.

Assim, como aludiu Galeano (2018), “quem escreve, tece [...] com fios de palavras, vamos dizendo, com fios de tempo vamos vivendo: os textos são como nós, tecidos que andam”, este estudo foi conduzido e experienciado, tal como a trama têxtil das palavras, dos textos, dos ensaios, dos relatos, das teorias, das críticas, são compilados em uma trama e síntese teórica. Porém com os fios da intencionalidade, da diretividade e da sistematicidade.

Desse modo, a construção teórica deste estudo se apoia em uma *áxis*<sup>2</sup> teórica, ou seja, o eixo representado pela teoria crítica social cultivada pelos teóricos da *Escola de Frankfurt*<sup>3</sup>, e em especial pelos pressupostos na teoria estética, filosófica, sociológica e crítica de Theodor W. Adorno. Embora alguns estudos apontem que seria um erro tentar sistematizar o pensamento de Adorno, pois sua escrita tem a forma de aforismas, de ensaios e de fragmentos de ideias e pensamentos. Contudo, é justamente nessas escritas onde reside a potencialização da sua crítica. Assim sendo, nota-se como questões sobre educação são implícitas em seu pensamento crítico e enfatizam a negatividade do indivíduo, que tem sua formação dominada pela indústria e pela globalização diluidora de objetividades e subjetividades.

A obra *Also sprach Zarathustra*<sup>4</sup>, de Richard Strauss, um poema sinfônico inspirado no tratado filosófico de Friedrich Nietzsche, e que traz o mesmo título, inicia com uma introdução — o Nascer do Sol — em alusão ao nascimento do último-homem. Em ou-

2 *Áxis* (do Latim *axis*, ou “eixo”) é uma palavra que vem, por sua origem na anatomia, denominar a segunda vértebra da região cervical, portadora de uma apófise superior que serve de eixo para rotação da primeira vértebra (atlas).

3 Importante destacar aqui que essa designação se refere aos pensamentos e intervenções de ordem teórica de um grupo de intelectuais à problemáticas na sociedade, na economia, na cultura, na arte e na filosofia, geradas pela profunda degradação social em sua época. E que, além disso, não carregam uma homogeneidade em seus pressupostos, pelo contrário, trazem controvérsias, divergências, convergências, polêmicas, condição que potencializa suas teorias.

4 *Also sprach Zarathustra* (Assim falou Zaratustra), Op. 30, poema sinfônico de Richard Strauss, composto em 1896, baseado no tratado de filosofia de Friedrich Nietzsche, intitulado *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e ninguém, que retrata a imagem de um *viajante* que é questionado sobre a verdadeira natureza dos homens (BRITO, 2012).

tras palavras, ironicamente, com a entrada triunfal anunciada pelos trompetes e trompas, em meio a tensões e dissonâncias, o despertar do homem — referente ao início da era do esclarecimento —, mas que é o homem da certeza e da verdade absoluta, do fetichismo, do ceticismo, que possui uma humanidade sem grandeza, que caminha no caos e pelo caos. Que se torna medíocre, uniforme, mimético, e que serve de massa de manobra — possuidor de uma cultura sonolenta, de sentidos sem sentido e da razão instrumentalizada. Assim, vive e fala *Zarathustra*.

Nesse íterim, a Teoria Crítica Social procura então denunciar essa degradação social e, como destaca Brito (2012, p. 114), “a vida formatada e calculada, como pode ser vista nas habilidades e competências para o profissional do futuro, aquele deve acordar todos os dias pensando em como ser melhor do que foi no dia anterior, mesmo em volta de uma espiritualidade vazia”, logo, uma vida desumanizada e esvaziada de saberes e conhecimento. Desse modo, a teoria crítica social vai além das aparências, expondo as relações de dominação e degradação da sociedade, nas várias esferas: educacional, cultural, artística e política. Além do mais, Giroux (1986, p. 23) destaca que seus membros acreditavam que as contradições sociais eram a chave para o desenvolvimento de uma análise “da distinção entre o que é e o que deveria ser”.

Nessa perspectiva, no primeiro momento buscou-se a reflexão sobre as críticas e denúncias abarcadas pelos teóricos frankfurtianos à racionalidade técnica e instrumental que impregnaram a Arte e a Educação, e no segundo momento uma análise dos pressupostos abordados e elencados por ele sobre as tendências vertiginosas na Educação, ambos os momentos regados de análise cultural e social, arrematando com ideais de resistência para superação de toda degradação humana e social.

## **ARTE, CULTURA E EDUCAÇÃO: CRÍTICA A ANIQUILAÇÃO DOS SENTIDOS**

*A arte entra em ação quando o saber desampara os homens.*  
(Friedrich Schelling)

A Arte, como apresenta a epígrafe, manifesta-se entre a racionalidade estética e a *mimesis*, ou seja, entre o pensamento técnico e instrumental, bem como no pensamento sensível, na criatividade, na construção e na da investigação. A dualidade, nesse sentido, dá lugar a consciência e autoconsciência sobre essa ruptura e as forças contraditórias, como a separação entre a imagem e o signo, entre o sujeito e o objeto, em que — pelas manifestações e representações artísticas — é superada com essa ação que leva a consciência e humanização dos homens. No entanto, a assimilação sobre a Arte é gradativamente aniquilada por uma sociedade, que concentra suas forças na imitação e massificação artística, e na racionalidade instrumentalizada e técnica dos sujeitos e da consciência.

Ademais, a utilidade da Arte começou a ser questionada com a consolidação de uma sociedade capitalista de mercado, em que as manifestações artísticas deixaram de ser evidência, de ser assimiladas e reconhecidas por todos, com isso, até seu direito a existir foi questionado. À vista disto, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, comentam

que nessa conjuntura contraditória “a arte teria, primeiro, que mostrar a sua utilidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 28), ou seja, mostrar sua utilidade em uma sociedade de mercado, de liquidação do saber, na qual semiformação e semicultura estão impregnadas, em uma conjuntura de desigualdades e barbárie.

Desse modo, a liberdade e autonomia, presentes nas manifestações artísticas e suas representações, entram em contradição com a sociedade da não-liberdade, do semi-saber, do consumo irrefreado, do modo de produção capitalista e em progresso para a desumanização. Nesse sentido, Adorno (1992a) destaca que “a autonomia que ela adquiriu, após se ter desembaraçado da função cultural e dos seus duplicados, vivia da ideia de humanidades. Foi abalada à medida que a sociedade se tornava menos humana” (ADORNO, 1992a, p. 11).

Esta sociedade menos humana, que discursa pelo progresso para alcançar uma sociedade melhor, enfraquece e esvazia a compreensão teórica; abandona a reflexão — ou prioriza uma reflexão mecanizada —, por um pensamento exclusivamente pragmático; busca uma educação das massas pela tecnologia da informação sem profundidade de conteúdos; se autodestrói pela insensatez do racismo, da intolerância, das desigualdades.

Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. É possível depreender de qualquer filme sonoro, de qualquer emissão de rádio, o impacto que não se poderia atribuir a nenhum deles isoladamente, mas só a todo um conjunto na sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 105).

Com isso, este corpo social, menos humano, agora segue o modelo da maquinaria econômica – violência que a sociedade industrial instala nos homens. Deste modo, essa sociedade industrial faz com que os homens percam sua objetividade no trabalho e tenham sua subjetividade controlada fora dele. Assim, a Arte e as obras artísticas têm seu sentido e objetivação diluídos por essa sociedade industrial, por meio de tendências ultra-tecnicistas, competências ilusórias, especialização extrema que levam ao caos cultural e social.

Assim, a Arte é colocada em uma posição de declínio, pois ela tem perdido sua objetivação em si mesma. Isso porque, a autonomia e liberdade conquistadas têm sido heterônomas do mercado, do valor de troca, da divisão do trabalho, da aniquilação teórica sobre seu contexto — em outras palavras, a revogação do potencial crítico da Arte e da Cultura —, com isso, fica mesclado em seu conceito, como aponta Adorno (1992a), o fermento e os condimentos que levam a sua supressão.

O burguês deseja que a arte seja voluptuosa e a vida ascética; o contrário seria melhor. A consciência reificada pretende reconquistar como substituto do que ela recusa aos homens na imediatividade sensível, aquilo que não tem lugar na sua esfera. Enquanto que a obra de arte excita aparentemente o consumidor pelo seu caráter sensual, ela torna-se-lhe estranha, alienada: transforma-se em

mercadoria, que lhe pertence e que ele receia constantemente perder (ADORNO, 1992a, p. 30).

O sentido que é útil para a Arte, nesse contexto, é o sentido voltado exclusivamente à volúpia, ao libidinoso. Desse modo, a vida adquire o objetivo de ser contemplativa a essa consciência reificada, que faz da Arte apenas uma mercadoria, e aliena as objetividades e subjetividades a um caráter estranho de oferta e demanda. Um sentido artístico indiferente, sem lugar ou território. Assim, a Arte torna-se, como destaca Adorno (1992a), uma propriedade cultural coisificada em que o objeto pouco tem a ver com o sujeito, é o *ser-para-outro*, ou seja, a dissolução das subjetividades por uma dominação e conservação de poder e privilégios.

Um excerto do filme *O grande ditador*, de 1940, com sua estreia no auge da ditadura nazista e fascista, apresenta pontos importantes nessa crítica. O filme foi roteirizado, protagonizado e dirigido por Charles Chaplin, que por meio de uma sátira entrelaçada de uma comédia dramática, alcança grande notoriedade com sua crítica e denúncia ao regime ditatorial nazifascista.

O filme apresenta duas perspectivas de sociedades, uma que produz e sustenta indivíduos tirânicos e menos humanos, e outra que apresenta certas potencialidades democráticas, comunitárias, mais humanas. Nestes termos, o autor coloca toda essa produção artística, trazendo, com ela, todas as objetividades e subjetividades, atreladas a questões políticas, econômicas, sociais e humanitárias. Assim, coloca toda a sociedade no centro do problema e das relações de poder – como participante de toda a discussão e crítica a esse sistema.

São muitas as cenas que retratam essa perspectiva, porém em um dos discursos proferidos por Charles — vivendo o personagem Adenoid Hynkel —, protagonizando uma disputa territorial com Benzino Napaloni, ele afirma: “a vida pode ser bela, mas a ganância fez com que os homens perdessem o rumo”<sup>5</sup>. Nesse discurso, o autor expõe as perspectivas e a construção social desse indivíduo tirânico, antidemocrático. Utilizando a cinematografia traz, por meio de um pensamento crítico, estético e artístico, uma ação política e de consciência sobre uma realidade, ou seja, a Arte como superação de uma realidade com o rumo à barbárie.

Em um trecho clássico do filme, no discurso triunfal ocasionado pela vitória de sua investida em conquistar, dominar territórios e privar as pessoas de sua liberdade, Adenoid Hynkel dá lugar à figura política de Chaplin ao dizer que:

[...] O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e

<sup>5</sup> Trecho do filme *O grande ditador* (1940).

cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. **Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura.** Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido [...] (Charles Chaplin, *O grande ditador*, 1940, grifo nosso).

Desse modo, a Arte em uma perspectiva de superação da realidade e do *status quo* necessita de uma ação política. Logo, uma ação pedagógica e política de conscientização sobre o que leva o mundo a erguer muros ou discursar sobre o ódio – que conduz à miséria e barbaridade. Assim, a eficiência da máquina, a habilidade sobre as informações e a competência do pragmatismo revela o que há de menos humano nos homens, pela aniquilação da liberdade e da autonomia e pela escassez de conhecimentos. Sob essa ótica, no ensaio *Crítica Cultural e Sociedade*, Adorno (2002) destaca uma das principais características, do que ele chama de crítica cultural dialética: “Crítica imanente de formações culturais significa entender, na análise de sua estrutura e de seu sentido, a contradição entre a ideia objetiva dessas formações e aquela pretensão [...]” (ADORNO, 2002, p. 98).

Logo, a atitude questionadora, reflexiva, crítica da Arte e da Cultura sobre os processos e contradições materiais da vida, é propulsora para a superação do sentido fetichizante sobre o cultural, que transforma em uma atenuadora supressão da crítica imanente. Zuin (1994, p. 160), apontando esse potencial da Arte e da crítica cultural, analisa que “[...] esse é o momento em que a crítica imanente revela seu potencial de negação porque recusa a se subordinar e se harmonizar com as normas e padrões de valores vigentes”. Deste modo, caracteriza-se como uma espécie de expositora das materialidades, desigualdades, bem como, dos conflitos de valores dominantes da sociedade.

No que concerne à contribuição e a revolução que a tecnologia e o pensamento racional, técnico e lógico têm viabilizado à conjuntura atual, isso é fato indiscutível, dado que nesse mundo de velocidades, a máquina e o pensamento lógico têm sido instrumentos para inovações e criações de uma vida melhor para todos. No entanto, o que é discutível é a exclusividade do seu discurso, pois isso faz com que a máquina consuma a própria humanidade, e o pensamento lógico sepulte o pensamento crítico.

Na atual conjuntura, pode-se pôr em paralelo a ideologia nazifascista de coisificar as consciências e sepultar o pensamento crítico com os dias atuais, porém, considerando os estudos de Bobbio (1955; 2000) que ressalta os termos nazismo e fascismo como termos que possuem uma dimensão histórica, logo, não poderiam ser indexados literalmente às tendências atuais. O que há, na verdade, é uma ressignificação de elementos presentes daquele contexto para o contexto atual, ou seja, pequenas sementes plantadas há tempos, sementes da desumanização que germinaram, cresceram e frutificaram disseminando a barbárie, e que ainda se encontram germinando entre os homens. E assim como foram plantadas pela cultura burguesa, pela Educação e pela Arte, por meio de artistas e intelectuais daquele contexto histórico, de forma inacreditável, têm sido semeadas nos dias atuais (ou nunca deixaram de ser cultivadas).

## EDUCAÇÃO, CULTURA E RESISTÊNCIA: CRÍTICA A TENDÊNCIA VERTIGINOSA DA RACIONALIDADE

Na perspectiva abordada anteriormente, sobre a aniquilação do pensamento crítico e da reflexão, pode-se aferir que essas tendências, articuladas à formação de professores, ao currículo, as práticas de ensino, ou seja, as questões do processo educacional, são capazes de atender a centralidade das políticas neoliberais para a Educação. Logo, subsiste a observação exclusiva sobre o paradigma da racionalidade técnica, que por sua vez possui uma agenda que desvaloriza os saberes; que reduz a profissionalização docente a técnicas – com foco nas competências, através da exigência de uma sociedade de produção, como aponta Cunha (2013); que privilegia saberes predeterminados e práticas como uma imitação de modelos; e favorece uma pedagogia compensatória e de competências (PIMENTA; LIMA, 2006; PIMENTA, 1994).

No ensaio *Tabus acerca do magistério*, fruto de uma conferência, em meados da década de 1960, Adorno (1995a) desenvolve um argumento sobre a notória desvalorização, nas sociedades modernas, da profissão de professor. Além disso, como essa tendência de desvalorizar a profissão docente se tornou um hábito nos últimos tempos, bem como, se aceleraram as condições dessa desvalorização, que por vezes contou com a colaboração das políticas e reformas educacionais no Brasil, consolidando de forma progressiva, uma objetivação mercadológica à profissão docente. Disso resultaram os baixos salários e péssimas condições de trabalho. Destarte, a visão empresarial e fetichizante acerca do magistério, tem provocado tabus, ou como destaca o autor, “[...] sedimentações coletivas de representação que, como preconceitos sociais e psicológicos, persistem teimosamente e acabam por se tornar forças atuantes na realidade, tornando-se forças reais” (ADORNO, 1995a, p. 98).

Dessa maneira, depreende-se que essas sedimentações coletivas correspondem às autoridades do alto escalão do sistema educacional, administrativo, bem como, a grupos reacionários dentro da escola, isso inclui pais e alunos que transmitem repulsões e verdadeiro ódio ao magistério e a escola. Nesse sentido, Oliveira (1994, p. 128) argumenta que “trata-se, portanto, de motivações subjetivas, por vezes pré-conscientes, mas quase sempre inconscientes, e revelam, mantêm e reforçam todo um conjunto de aversões contra a profissão docente”.

Notadamente, as bases da educação brasileira jamais foram tão atacadas como hoje, Paulo Freire e seu legado nunca foi tão rechaçado e humilhado como nesses tempos. Tempos em que o pensamento e a capacidade de pensar sofrem tentativas de ruptura, no seu sentido político e crítico, como comenta Forrester (1997, p. 68) ao afirmar que “[...] o pensamento é político. [...] Só o fato de pensar já é político. Daí a luta insidiosa, cada vez mais eficaz, hoje mais do que nunca, contra o pensamento. Contra a capacidade de pensar”.

Essa luta contra o pensamento e contra a capacidade de pensar toma corpo com a desvalorização do magistério, tendo em vista a transformação objetiva e estrutural na

profissão docente, pelo acelerado e alienante modo capitalista. Acerca disso, Adorno (1995a) comenta que:

[...] o professor se converte lenta, mas inexoravelmente, em vendedor de conhecimentos, despertando até compaixão por não conseguir aproveitar seus conhecimentos em benefício de sua situação material. [...] ao mesmo tempo, porém, uma racionalidade estratégica nesses termos reduz o intelecto a mero valor de troca, o que é tão problemático como o é qualquer progresso no seio do existente (ADORNO, 1995a, p. 105).

A deformação do professor consolida-se nessa transformação — que é lenta, porém bastante contundente —, na qual este passa a ser um profissional com interesses de comércio intelectual e na venda dos saberes. Logo, os saberes se caracterizam eminentemente como mercadoria, como valor de troca. Nessa perspectiva, Oliveira (1994, p. 131) ressalta que esse professor, que é consumido pela influência do mercado, é visto como repetidor e correpetidor de fatos e conceitos já superados, e com um “cheiro de simplificação indevida, de superficialidade”. Desta forma, nos ares de sua deformação docente, flutuam a reprodução técnica, a superficialidade teórica e a falência da experiência. Adorno comenta que: “[...] na imagem do professor a *déformation professionnelle* (deformação profissional) torna-se praticamente a própria definição da profissão” (ADORNO, 1995a, p. 109, grifo do autor e tradução nossa).

Essa configuração específica tem sua legitimação e organização, ou seja, se produz e reproduz pelo currículo. Desse modo, a sistematização de um currículo de deformação profissional do magistério torna-se, como destaca Oliveira (1994, p. 131), “uma mescla de conteúdos e simples fórmulas”, ocasionando, assim, a perda de experiências formativas, de experiências estéticas que podem educar os sentidos e as consciências, além disso, tende a neutralizar a Arte e a Cultura em detrimento dos processos e contradições materiais da vida.

Nestes termos, a Teoria Crítica da Social, desenvolvida pelos teóricos de frankfurtianos, possui categorias que possibilitam a análise profunda sobre os impasses presentes na estrutura social e na estagnação em esquemas de fragmentação e pulverização das relações sociais. A Cultura, nessa perspectiva, deve ser compreendida como um constituinte cultural das formas e processos da sociedade, haja vista que além de uma necessidade do intelecto, é uma necessidade material para a constituição da humanidade – enquanto uma experiência formativa dessas humanidades.

Tendo em vista que as contradições sociais tentam, a todo instante, desabilitar a compreensão teórica e, com isso, causar o abandono da teoria, em favor de explicações rasas, do senso comum, através de uma ideologia que relativiza a compreensão teórica e automatiza os pensamentos, Horkheimer (1983), na *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, argumenta que: “A consciência da teoria crítica se baseia no fato de que, apesar das mudanças da sociedade, permanece a sua estrutura econômica fundamental – a relação de

classe na sua figura mais simples – e com isso a ideia da supressão da sociedade permanece idêntica” (HORKHEIMER, 1983, p. 149).

Nessa perspectiva, a Teoria Crítica Social demonstra a necessidade de uma reconstrução teórica que compreenda, de forma clara e visível, as contradições e estruturas que reforçam as desigualdades, a barbárie e a desumanização da sociedade. Além disso, que compreenda também o pensamento político e, assim, como potencial teórico, resgate e viabilize caminhos para transformar as condições que levam a barbárie.

Pucci (1994) destaca três momentos pontuais e que se complementam, sobre essa reconstrução teórica idealizada pelos frankfurtianos: no primeiro momento, trata sobre o legado de Kant nas reflexões dos frankfurtianos, que se traduz no movimento de compreensão do conceito de *Aufklärung*<sup>6</sup> (em português, Esclarecimento) com afirmação inicial ao processo, no qual as pessoas se libertam das “trevas”, pelo resgate da razão emancipatória presente no esclarecimento; no segundo momento — lugar que se inicia o aporte teórico deste estudo —, apresenta a repressão e transformação da razão emancipatória, pelo esclarecimento em razão instrumental e técnica; no terceiro momento, a crítica negativa transpassa os objetivos de resgate da razão que emancipa os homens, ou como ressalta Pucci (1994), uma forma de preservar o poder crítico em um mundo administrado e decaído.

No que tange ao conceito de *Aufklärung* dado por Kant, “Esclarecimento (*Aufklärung*) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado” (KANT, 1985, p. 100). Desse modo, nota-se que os teóricos de Frankfurt têm sua perspectiva no resgate de uma razão que pode libertar e emancipar os homens. Ou seja, o resgate dessa razão se daria na compreensão sobre o esclarecimento da menoridade do homem e ao fato de que ele é o culpado por ela se desenvolver. Nessa perspectiva, Pucci (1995, p. 20) argumenta que o esclarecimento: “[...] liberta o indivíduo das algemas que o agrilhoavam, do tradicionalismo ignorante da idade média, que ainda lançava sua sombra pelo mundo, da irracionalidade que dividia os homens em nobres e não-nobres pelo nascimento e pela racionalidade” (PUCCI, 1995, p. 20).

Assim, o esclarecimento se apresenta como uma luz que ilumina as sombras do tradicionalismo, da irracionalidade, das desigualdades, pois ele não se configura como um privilégio, mas como uma vontade política de compreender, participar, elaborar e compartilhar dessa razão. Ademais, não figura como um mecanismo, mas se realiza no processo histórico, desvinculado do campo da especulação, mas na atitude política.

No entanto, a razão emancipatória desenvolvida pela burguesia — que exercia seu domínio em face das classes sociais —, na visão dos teóricos de Frankfurt, subjugou a dimensão emancipatória da razão à dimensão instrumental. “A razão emancipatória vai

---

6 De acordo com a nota preliminar do tradutor, da obra de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, *Dialética do esclarecimento* (1985), a tradução de *Aufklärung* por esclarecimento traduz um significado histórico-filosófico, e o sentido, de forma ampla, que esse termo recebe na obra de Adorno e Horkheimer é para designar o processo de “desencantamento do mundo”, em outras palavras, o processo pelo qual os homens se libertam do medo e do desconhecido.

se tornando reprimida, ofuscada” (PUCCI, 1995, p. 23), sendo submetida pela densidade do predomínio da técnica como instrumento de controle e dominação.

Adorno e Horkheimer (1985, p. 17) iniciam seus argumentos, sobre o conceito de esclarecimento, destacando a perspectiva de liberar as amarras do medo da humanidade por meio do esclarecimento, ainda assim, “[...] a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal”. O triunfo da técnica sobre a ciência, da dimensão instrumental sobre as humanidades.

Destarte, o conceito de esclarecimento sofre uma mutação, em razão da dimensão instrumental e técnica. Pucci (1995) comenta que a razão emancipatória tem sua dimensão crítica esvaziada e abandonada; pensar já não é pré-requisito, mas uma digressão indesejada. Os autores do texto em destaque — primeira parte da obra *Dialética do esclarecimento* — sustentam que: “[...] a própria razão se tornou um mero adminículo da aparelhagem econômica que a tudo engloba” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 37).

Conforme exposto, Adorno e Horkheimer atestam as características da razão instrumental. Dessa forma, o processo técnico que eliminou as bases da consciência dos sujeitos, agora, em última instância, coisifica e permite a auto-coisificação dos sujeitos, e ele perde toda significação possível. Pois, como destacado no excerto, a razão se curva como um simples instrumento auxiliar da economia de mercado; um instrumento que serve na fabricação de mais instrumentos como ela (razão instrumental), por sua funcionalidade calculada e implacável.

Importa salientar que a negação da razão emancipatória, pela a afirmação da razão técnica e instrumental se faz presente também na Arte e na negação desta. Jay (1974) e Pucci (1995) concordam, quando afirmam que a Arte e a teoria crítica configuram instrumentos que possibilitam a negação do *status quo*, seguindo o pressuposto de Adorno, ao considerar a relação objetiva entre estética e social. Assim, Jay (1974, p. 139) elucida que: “a grandeza das obras de arte reside tão-só em seu poder de permitir que sejam ouvidas as coisas que a ideologia oculta”.

Nesse íterim, a Arte, como destacado na obra de Charles Chaplin, nega e resiste veementemente às contradições que reforçam o *status quo* e a dominação; haja vista que ela é ação política e, por ser política, requer uma crítica imanente. Nesse seguimento, Pucci (1995) ressalta que “a arte se desliga do mundo administrado e delimita seu território específico fora do controle racional, preservando aquilo que lhe é próprio”, e nesse desligar do mundo administrado, se conecta ao novo, ao subjetivo.

No ensaio, *Conceito de Esclarecimento*, os autores denunciam o afastamento do sentido político da Arte, pelo domínio da racionalidade técnica e do esclarecimento que se entregou ao seu “superego”: a dominação. Logo, como mencionam Adorno e Horkheimer, a essência do esclarecimento é a dominação e o totalitarismo. Desse modo, essa característica fetichizante, da razão instrumental, se revela na *indústria cultural*, responsável por reprimir o novo, contestar o que não se repete, suprimir as subjetividades, frear o que é

arriscado, e desabilitar as ambiguidades. “A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, 105) e, além do predomínio técnico nas obras de arte, realiza-se o atrofiamento da imaginação e da espontaneidade.

Nos ensaios *Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas* — parte da obra *Dialética do esclarecimento* — e a *Teoria da Semicultura*, Adorno apresenta e reflete sobre o diagnóstico que leva os homens à calamidade e à barbárie. Nesse entremeio, a indústria cultural se apresenta como um filtro e exige que tudo se submeta a ela; bem como, à mídia, à internet, à educação, ao trabalho e, até mesmo, ao tempo livre. De modo a seguir certas funções, para legitimar a razão instrumental e o capital.

A *semicultura* e a *semiformação* sementeiam o mundo com a reprodução ideológica e dominante da Indústria Cultural. Através de clichês prontos, uniformidade e padronização de competências, engendra um processo formativo industrial e mecanizado, da Arte sem crítica, desprovida de sentido, à integralização da barbárie. Assim, segundo Adorno e Horkheimer (1985) a Indústria Cultural se reproduz nas identidades, no esvaziamento dos materiais estéticos, na tendência de sempre escolher o mesmo, na repressão e privação, desse modo “por inúmeros canais, se fornecem às massas, bens da formação cultural. Neutralizados e petrificados, no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro” (ADORNO, 2005, p. 6).

Diante disso, cabe ao homem se adaptar a toda essa estrutura de domesticação – adaptação sem a convergência da autonomia. Isto porque, a razão instrumental, por meio da Indústria Cultural, aniquila qualquer sinal de autonomia dos sujeitos, neutraliza-os a ela. Além disso, petrifica-os em um esquema formativo de sujeitos bem ajustados ao sistema e ao mercado. A padronização, o atrofiamento da imaginação e da espontaneidade, a perda da capacidade crítica e da humanidade, são gerados, ao mesmo tempo, pela Indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Nesse sentido, a Teoria Crítica, desenvolvida pelos teóricos frankfurtianos, destaca a *dimensão dialética da história* (PUCCI, 1995). O pano de fundo da crítica feita pelos teóricos frankfurtianos é a perspectiva de negar a negação, ou seja, como já ressaltado, a tendência da razão instrumental é negar a Razão Emancipatória, assim como as prerrogativas humanizadoras que vem com ela. Logo, negar essa negação seria uma nova afirmação de resistência da Razão Emancipatória.

[...] a teoria crítica aparece como subjetiva e especulativa, parcial e inútil, embora ela não proceda nem arbitrariamente nem ao acaso. Como ela contraria o modo de pensar existente, que permite a continuidade do passado, favorecendo os interesses da ordem ultrapassada, e se opõe aos gerentes de um mundo partidário, a teoria crítica aparenta ser partidária e injusta (HORKHEIMER, 1983, p. 52).

Destarte, o modo de contrariar as contradições existentes seria negar o *status quo*: os desdobramentos da miséria; além disso, reafirmar a autonomia do homem, questionando dogmas e tabus que o aprisionam, para preservar a emancipação da sociedade; por

em evidência as sombras do semi-saber, da semicultura e da semiformação, da ideologia, do fetiche e da barbárie. Nesse sentido, a Teoria Crítica se opõe a fatores e a qualquer estrutura que aprisionem o homem, pois, “[...] a teoria crítica não almeja de forma alguma apenas uma mera ampliação do saber. Ela intenciona emancipar o homem de uma situação escravizadora” (HORKHEIMER, 1983, p. 70).

Pucci (1995, p. 38) destaca, como segundo momento da elaboração teórica, a afirmação dos teóricos frankfurtianos sobre a “onipresença da razão instrumental”, que se colocou a serviço do mercado. Desse modo, para que a razão crítica fosse anunciada, seria preciso um movimento teórico negativo e intransigente: “[...] uma verdadeira práxis revolucionária depende da intransigência da teoria em face da inconsciência com que a sociedade deixa que o pensamento se erija” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 45).

O terceiro momento, dessa trama teórica desenvolvida e articulada pelos frankfurtianos, trata-se de uma construção teórica que compreende o surgimento da razão instrumental – a qual nega a Razão Emancipatória –, e da Indústria Cultural. No fim, ambas liquidam a Formação Cultural, através da semicultura e da semiformação, mas acreditam que essa tendência ideológica da semicultura e sua integração pode ser superada. A esse respeito, Adorno destaca que “como a integração é ideologia, é também — por ser ideologia — frágil, desmoronável” (ADORNO, 2005, p. 7). Além disso, reafirma a importância da teoria, para o resgate da Razão Emancipatória. No ensaio *Notas marginais sobre teoria e prática*, argumenta que: “A aversão à teoria, característica de nossa época, seu atrofiamento de modo nenhum casual, sua proscricção pela impaciência que pretende transformar o mundo sem interpretá-lo [...] — tal aversão à teoria constitui a fragilidade da práxis” (ADORNO, 1995, p. 3).

Ressaltando, assim, a articulação e interdependência entre a teoria e a prática, característica que a racionalidade quer descaracterizar e inutilizar. De tal modo, ao subverter a teoria, subverte-se a reflexão e a autorreflexão dos homens. Giroux (1986, p. 39) enuncia, nessa direção, que os teóricos frankfurtianos redefiniram racionalidade, não sendo entendida apenas como prática do pensamento crítico, mas como relação do pensamento e da ação, para que, com isso, seja possível resgatar a Razão Emancipatória.

[...] a teoria crítica dirige a educação para um modo de análise que enfatiza as rupturas, discontinuidades e tensões na história, todas as quais se tornam valiosas na medida em que enfatizam o papel central da ação humana e da luta, ao mesmo tempo que revelam o hiato entre a sociedade atual e a sociedade como poderia ser (GIROUX, 1986, p. 57).

Assim sendo, a Teoria Crítica Social, além de situar o objeto desse estudo, pode vir a contribuir com a construção de projetos de emancipação, na direção da análise crítica sobre as rupturas e tensões que cercam a sociedade, bem como, oferecendo experiências formativas e educativas que propiciem a reflexão e autorreflexão crítica e negativa, para as contradições presentes na sociedade. Marcuse (1988, 124) aponta que “[...] compreender a realidade significa compreender o que as coisas realmente são, e isto, por sua vez,

significa rejeitar sua mera facticidade. O pensamento dialético torna-se assim negativo em si mesmo”.

A reflexão e autorreflexão, especialmente para Adorno (1995b), é abordada no ensaio *Educação após Auschwitz*, que aponta prerrogativas para que *Auschwitz* não venha a se repetir. *Auschwitz* foi o ápice da barbárie, no século XX, no entanto suas sementes ainda podem germinar neste século e nos próximos. Por isso, a autorreflexão se mostra importante para a Educação e para a Cultura, como meio de desenvolver a autonomia, autodeterminação, a razão emancipatória – que torna os homens mais humanos. Assim como ressaltou, no ensaio *Tabus a respeito do magistério*, que “[...] a desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades” (ADORNO, 1995a, p. 117).

Seguindo a mesma direção, de uma crítica negativa, o resgate do sentido da formação cultural pode-se dar por meio da construção de um currículo que transborde experiências formativas, tanto nas dimensões estéticas da consciência, quanto na reconstrução da “noção de cultura enquanto força política” (PUCCI, 1995, p. 48), ou seja, na apropriação e consciência histórica do processo de dominação e da necessidade do pensamento crítico e negativo sobre esse processo (GIROUX, 1986) e, assim, direcionar a formação para a resistência.

A resistência é um construto teórico e ideológico que fornece um foco importante para se analisar as relações entre a escola e a sociedade maior. Mais importante do que isso, ela fornece uma nova alavanca teórica para se entender as maneiras complexas pelas quais os grupos subordinados experimentam o fracasso educacional, e dirige a atenção para novas maneiras de se pensar e reestruturar os modos de pedagogia crítica (GIROUX, 1986, p. 145).

Nesse sentido, o conceito de resistência elaborado por Giroux, não se detém em um slogan educacional e uma representação simplória de oposição e protesto, pois nega os pressupostos tradicionais de oposição, do protesto e do fracasso educacional. Ademais, se impõe na explicitação da problemática desses pressupostos de dominação, como possibilidade de fomentar, no currículo, experiências formativas com base na análise política e na teoria crítica. Assim como Maar (1995) destaca que além de compreender a Teoria Crítica como uma proposta pedagógica, é necessário assimilar como uma abordagem formativa e educacional.

## CONCLUSÃO

Nesse aspecto, buscou-se responder as seguintes questões de pesquisa: Como as contribuições da Teoria Crítica Social, fomentada pelos teóricos frankfurtianos, para a Educação, na Arte e na Cultura? Assim como a influência da Indústria Cultural por meio da Semiformação e da Semicultura que deformam os pressupostos formativos para a humanização dos sujeitos?

Desse modo, a Teoria Crítica Social, que foi desenvolvida e aprofundada pelos teóricos frankfurtianos, contribuiu com um aparato de categorias e pressupostos que possibilitaram uma análise mais profunda e incisiva sobre a realidade da estrutura social em seu tempo. Tempos em que a sociedade se estagnou em caminhos degradantes e que levou ao ápice da desumanização e da barbárie.

Assim, os teóricos de Frankfurt viram na reconstrução teórica – uma reconstrução que compreende de forma ampla e específica as questões sobre a Arte, a Cultura –, um movimento de reflexão sobre as forças estruturais da sociedade, que reforçam as desigualdades, a desumanização e a degradação como meios de dominação das objetividades e subjetividades. Com destaque para as contribuições de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, que denunciaram a insuflação da razão instrumental na consciência dos sujeitos, que causava um processo de reificação e se tornou um braço da economia e do mercado. Através da categoria *Indústria Cultural* denotaram o afastamento do sentido político e emancipador da Arte e da Cultura. E, aliado a ela, sua maquinaria de efetivação e consolidação da barbárie.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. - Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Paz e Terra, p.97-117, 1995.
- \_\_\_\_\_. Tabus acerca do magistério. In: **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Paz e Terra, p.97-117, 1995a.
- \_\_\_\_\_. Educação após Auschwitz. In: **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Paz e Terra, p.119-138, 1995b.
- \_\_\_\_\_. **Notas marginais sobre teoria e práxis**. In: Palavras e Sinais. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis, VOZES, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Teoria da Semicultura**. tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci, Claudia B. Moura Abreu. In: Primeira versão: Ano IV, (nº 191): 2-19. Porto Velho, Editora EDUFRO, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Teoria Estética**. Tradução de Artur Morão. Lisboa, edições 70, 1992a.
- \_\_\_\_\_. Crítica cultural e sociedade. In: ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. Traduzido por Julia Elisabeth Levy; Augustin Wernet; Jorge M. B. de Almeida. — São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BOBBIO, N. **Política e cultura**. Turim: Einaudi, 1955.
- \_\_\_\_\_. **Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- BRITO, M. R. A formação em tempos de precariedade: a face da semiformação em algumas imagens descritas por Nietzsche e Adorno. In: PUCCI, Bruno; COSTA, Belarmino Cesar G; DURÃO, Fábio A. (org.). **Teoria crítica e crises: reflexões sobre cultura, estética e educação**. — Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- FORRESTER, V. **O horror econômico**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- GALEANO, E. **Tejidos: historia, reflexión, ironía, denuncia, poesía**. Publicado em 21 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://anotasonhos.wordpress.com/2018/12/21/tecidos-por-eduardo-galeano/>. Acessado em: 20 de março de 2020.
- GIROUX, H. **Teoria Crítica e Resistência em Educação — Para além das Teorias de Reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HORKHEIMER, M. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. In: BENJAMIN, W.

- HORKHEIMER, M; ADORNO, T. W; HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- JAY, M. **La Imaginacion Dialectica: Historia de la Escuela de Frankfurt y el Instituto de Investigacion Social, 1923-1950**. Madrid: Taurus, 1974.
- KANT, I. Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento? In: **Textos Seletos** (edição bilíngue). Petrópolis: Vozes, 1985.
- MAAR, W. L. Educação Crítica, Formação Cultural e Emancipação Política na Escola de Frankfurt. In: PUCCI, B (org.). **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. — Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: EDUFSCAR, 1994.
- \_\_\_\_\_. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Paz e Terra, 1995.
- MARCUSE, H. **Razão e Revolução: Hegel e o advento da Teoria Social**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª Edição, 1988.
- OLIVEIRA, N. R. A Escola, esse Mundo Estranho. In: PUCCI, B (org.). **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. — Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: EDUFSCAR, 1994.
- PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. In: **Revista Poiesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24,2005/2006.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores - unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1994.
- PUCCI, B. Teoria Crítica e Educação. In: PUCCI, B (org.). **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. — Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: EDUFSCAR, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Teoria da Semicultura: elementos para uma proposta educacional**. Reflexão e Ação, v.3 (n.1/2):33-44, 1995.
- ZUIN, A. A. S. Seduções e Simulacros - Considerações sobre a Indústria Cultural e os Paradigmas da Resistência e da Reprodução em Educação. In: PUCCI, B (org.). **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. — Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: EDUFSCAR, 1994.